
Artigos originaes

A Democracia

João Arruda

Acabo de ler, pela 2.^a vez, a monumental obra de NITTI sob o titulo que tão sympathico é aos ouvidos dos verdadeiros amantes da liberdade. E' um monumento comparavel ás maiores producções do espirito humano. Tem, alem de outras qualidades, a de compendiar tudo quanto sobre o problema do governo dos povos cultos se produziu ultimamente, em febril movimento, desde a revolução de 1789, quando a humanidade culta explodiu em surto violentissimo contra todos os abusos do passado. Investiga porém o grande livro do imperterrito democrata que esforços foram feitos pelos homens desde a mais remota antiguidade, especialmente em Roma, Grecia e Israel, os tres luzeiros dos primordios da civilização, contra a oppressão do homem pelo homem, como diz elle nos primeiros capitulos. Já neste ponto lança um conceito que desenvolverá no correr dos seus estudos: foram sempre os menores paizes, a pequena Judéa, a minuscula Grecia e a Roma dos reis e da republica, quando ainda não era o grande imperio corrupto e decadente, que fizeram mais que os grandes imperios em prol do progresso.

Pela primeira impressão, é a producção do mestre um conjuncto de estudos sobre assumptos diversos, ensaios que não revelam, desde logo, uma ligação entre si. Desde o 2.^o

capitulo porém se mostra ao leitor a íntima união das varias partes da obra, sua perfeita unidade. E' este capitulo o relativo á interpretação dos factos historicos, ao valor da biographia da humanidade. Impossivel é dizer que seja dado cortar ou supprimir por inutil um só dos capitulos componentes dos dois grossos volumes compostos de cerca de mil paginas. Fóra ésta unidade, significando que tudo quanto está escripto é relativo á superioridade da democracia sobre todos os outros regimens governamentaes, ha ainda a referencia de umas partes do livro a outras com a mais perfeita coherencia. O que diz sobre o movimento feminista á pag. 25 vae ser desenvolvido no Cap. 13, e a evolução sobre os preconceitos de côr, tambem frisada na referida pag. 25, será idea que muitas vezes constituirá objecto de investigações no correr dos dois volumes, das mil paginas, particularmente no exame do factor social *raça*. Tendo essas mil paginas sido escriptas em épocas diversas, iniciada a empresa como diz o autor, ha mais de 20 annos, revela o trabalho comtudo uma unidade de vistas que só a singeleza da concepção democratica, e a firmeza admiravel nas opiniões sustentadas por parte do autor, firmeza digna de admiração e louvor, podem explicar.

Dizia-me, faz poucos dias, um crente que toda a Bíblia, com as investigações philosophicas de Job, com os conselhos practicos dos proverbios, com o livro de amor do Cantico dos Canticos, com as multiplas disposições juridicas e moraes, com a variadissima matéria em summa de que tracta, tem sempre um unico fim, um alvo que busca, um objecto de que cogita constantemente, uma idea fixa: mostrar a queda do homem pelo peccado original, e a necessidade da redempção ou a prophacia da vinda do Messias. Do mesmo modo, não ha uma só linha do livro de NITTI que occupa neste momento minha attenção que não se destine a tornar evidente a superioridade, *relativa sim, mas incontestavel*, do governo democratico: bem estar do povo, elevação da dignidade humana, desenvolvimento da coragem, da bravura nas luctas em prol do lar, augmento da riqueza dos

cidadãos, estabilidade e tranquillidade no seio da commu-
nhão social, satisfação geral do povo.

Longe de mim pretender dar um resumo, uma summu-
la mesmo, dos capitulos da grandiosa concepção do cerebro
verdadeiramente privilegiado do grande publicista. Nada
mais neste fugaz artigo farei do que mencionar os assumptos
com que se entreteve, devendo ajuntar que, embora unido o
monumento em todas as suas partes por um laço fortissimo,
animado por um mesmo sopro, desde a primeira até a ulti-
ma página, pôde ser consultado em muitos de seus pontos
que denominarei episodicos. Assim, por exemplo, ha um
estudo relativo á acção do cinematographo sobre o povo
menos culto, uma investigação sobre o problema da impren-
sa, que passou de propagandista de ideas a instrumento de
ganho para os capitalistas, uma exposição documentadissi-
ma da influencia do augmento da facilidade de transporte,
o exame do grave problema do tyrannicidio, a critica do su-
perhomem de NIETZSCHE, uma indagação sobre o problema
do bem estar individual nos maiores meios sociaes etc.
Qualquer desses trechos pôde ser destacado do entrecho,
para leitura proveitosissima mesmo de pessoas dotas.

E' tambem um ponto que quero pôr em destaque o de
servir essa espantosa construcção não só para os menos cul-
tos, que não conhecem muitas das questões nella ventiladas,
mas tambem para recordarem os doutos o que sobre os pro-
blemas sociaes já conhecem, e que vem, com extraordinaria
felicidade, compendiado pelo illustre autor.

A erudição delle é verdadeiramente de assombrar:
como pode um homem, no curto espaço de tempo que a na-
tureza deu para a nossa vida, acumular tanto saber? Em
certo ponto, diz o autor que não ha necessidade de uma
longa vida para se fazer muito mal aos outros, e cita Nero,
morto aos 30 annos; e Borgia, aos 32. Mas, digo eu, para
alcançar uma erudição tão vasta quanto o é a delle, força é
viver muito, e viver cultivando os livros, e observando o
que se passa neste mundo tão complexo.

Não a título de resumo, nem mesmo de summula, mas somente para dar uma vaga idéa dos assumptos versados pelo autor, direi o principal de alguns dos capitulos. A ligação entre o 1.º e o 2.º é estreitissima, e muito mais accentuada que a entre os demais: estes dois podem ser considerados os alicerces do admiravel monumento.

Inicia o autor os seus estudos pela affirmação de que o mundo culto se evolve no sentido de tornar-se cada vez mais democratico. Fiz, ha alguns annos, em apreciação de outra producção tambem notavel do mesmo autor, a observação de que estamos em uma época de *eclipse do liberalismo e da democracia*. Hoje vejo o mestre asseverando, com sua autoridade e abundancia de documentos, que, si ha essa apparente involução no movimento democratico, a verdade é que, subterraneamente, minando as instituições oligarchicas, as dictaduras hoje reinantes, vae a democracia solapando o edificio que os fortes ergueram para exploração dos mais fracos. Em prova de seu asserto, cita o autor a passagem da monarchia á republica, o abolicionismo, o feminismo, a tendencia em summa á egualdade, bem entendida ésta, como explicará o mestre no desenvolvimento de suas theses sobre materias sociaes. E direi, de passo, que é justamente neste capitulo que manifesta o illustre escriptor sua antipathia pela Sociologia, antipathia nascida naturalmente do abuso que se fez dessa sciencia, a qual tem sido, nestes ultimos annos, a arma de todos os despotas. COMTE, mais que todos, com a sua ligação ao czarismo e á Igreja Catholica, concorreu para o descredito da sciencia de que elle se pode considerar o pae, o creador. Si porém tomarmos Sociologia no sentido de estudo das leis que regem o mundo sem pretenderem seus cultores, na qualidade de superhomens, ou de figuras menores que esses gigantes, modificar o curso da vida da humandade, então poderá ser denominado o livro que está a occupar-me um *Tratado de Sociologia*, tratado notavel pela sua vastidão e pela profundeza de vistas.

Mas, voltando ao assumpto do capitulo 1.º, logo se nos depara a classificação dos governos: ou oligarchia ou de-

mocracia, embora modificadas essas fórmulas de governo com variantes mais ou menos sensíveis, e mais ou menos aptas a illudir o povo, a eterna vítima. Mostra o autor que é necessario o maior cuidado para harmonizar a liberdade com a igualdade, problema de que tive pela primeira vez conhecimento ao tempo em que frequentei as aulas de Direito Publico, em 1878, quando era o livro classico HELLO. Creio que a chave do difficil enigma encontra-se justamente na adopção da democracia, onde a cada um é licito fazer o que não é damnoso aos demais, e onde isto a todos se permite.

Indo ás raizes dos institutos, examinando o que havia na antiguidade culta, e ella se reduz, como disse eu, linhas acima, á Judéa, Grecia e Roma, observa ter toda a razão FUSTEL DE COULANGES, ao affirmar que, mesmo na Grecia, a liberdade era uma illusão, um mero desideratum. Ao investigar o que constitue a felicidade do povo, tem uma das paginas mais tragicas: é a pagina 48. Diz que a felicidade do povo foi considerada como sendo a que tinha o rei ou chefe, *deliciae principis felicitas populi* (eu comi, todos comeram, como diz o povo em sua rude linguagem), e que hoje é corrente dever o povo desejar enriquecer as aves de rapina internacionaes que vendem armamentos, aproveitando-se das guerras internas ou internacionaes (pag. 48 i. f.).

E' ainda neste capitulo que tenta a classificação dos systemas governamentaes, empresa, em meu modesto sentir, impossivel de levar a effeito, a não ser em traços muito geraes. Diz que houve, na antiguidade, e até tempos relativamente recentes, a monarchia, a oligarchia e a aristocracia, e ver-se-á, no correr da obra, que a republica tambem se manifestou sempre, embora muito pouco valendo e só em paizes muito pequenos, assumpto sobre que direi algo, linhas abaixo. Hoje surge o communismo, o governo dictatorial dos trabalhadores (e quaes são elles?), o estadismo da Russia com sua mascara de communismo, o anarchismo, pedindo, diz NITTI, a supressão do Estado (e eu annotarei do *Estado actual*), o syndicalismo dos productores, e assim

por diante... Repito mais uma vez: impossivel a classifi-
cação das fórmãs de governo.

Nos trechos que denominarei episodicos, é tambem ex-
traordinario o genio do autor. Mencionarei o que diz sobre
a concepção da direcção do povo em Athenas e Esparta:
aquella o typo da democracia, do individualismo, em que o
individuo é fim, e a sociedade é o meio; e ésta a do governo
em que domina o regimen corporativo, em que o individuo
é nada, e a sociedade, tudo.

Refere o que foi Florença onde havia a separação do
povo em *popolo grasso* e *minuto*: aquelle, rico, poderoso e
governando, e este pobre, fraco e governado. Era entretan-
to uma republica.

Nesta fugidia noticia do assumpto de que tracta o capi-
tulo 1.º, julgo de interesse para o leitor uma observação so-
bre as notas, em que grande parte da documentação é posta
pelo sabio publicista. São collocadas no fim de cada capi-
tulo. Não é, em regra, recommendavel ésta disposição da
matéria, mas, quando o que vem em nota é algum tanto
extenso, e, por si só, formando um pequeno ensaio, que pode
ser destacado do texto, é admissivel este modo de disposi-
ção das matérias. Nas edições que conheço do celebre *Espi-
rito* de HELVETIUS, em que as notas foram consideradas tão
valiosas quanto o proprio texto, constituindo, si isoladas, um
trabalho tão importante quanto a obra principal, assim se
fez, e o leitor as examina, quasi sempre, em separado.

E' o capitulo immediato destinado por NITTI ao estudo
da interpretação da Historia. E' ella a mestra da vida, di-
zem. Ella nos habilita, affirma-se, a, pelo passado, prever
o futuro. Foram estas as theses principaes que dominaram
durante muito tempo. Engano, puro engano! Tão grande
é este erro, dizem hoje quasi todos os mestres, quanto o de
attribuir aos grandes homens influencia decisiva na vida dos
povos. Ha todavia, embora a Historia seja interpretada por
cada um segundo o seu proprio temperamento, algumas leis
que podem ser acceitas, e é isto o que não tem nome na
obra de NITTI, mas que pode ser legado á Philosophia da

Historia, ou á Sociologia, sabendo eu bem que PALANTE, LESSA e outros tão cuidadosamente tentaram separar uma de outra, e definir ou firmar as lindes da Sociologia. Facto inconcusso, em face da bella documentação do autor, é que os grandes Estados foram de pouca dura na antiguidade, e que modernamente (quicá graças ao desenvolvimento dos meios de communicação do pensamento e dos transportes) vão se mantendo os Estados colossaes, ainda que com a grande difficuldade. Exemplos são a Inglaterra, os Estados Unidos e a Russia. Mas outra lei haurida da Historia é a da superioridade das pequenas sociedades sobre as grandes para felicidade dos cidadãos, e para proveito da humanidade: Florença e pequenas cidades allemans, diz o autor, são a prova inconcussa do facto.

Duas theses capitaes porém noto no capítulo: a Historia não fornece elementos para *previsão do futuro*, e cada historiador entende a Historia como lhe convem, segundo seu temperamento, sua indole, suas tendencias. Pasmosa, verdadeiramente pasmosa a erudição desenvolvida pelo autor para prova destas duas importantes theses. E' neste capítulo que o sabio escriptor reduz ás suas verdadeiras proporções a doutrina dos que pretendem explicar todos os factos historicos pelo factor economico, doutrina que teve seu momento (igual ao da rosa de Malherbe) de celebridade.

A par da erudição do grande sabio, ha a firmeza em suas opiniões. E' assim que, neste capítulo e no seguinte, avança a valiosa these de ser o homem figura muito pouco importante no desenvolvimento da vida da humanidade. E' a doutrina defendida por MOUGEOLLE nos "*Problemas da Historia*", e é a contestação da de CARLYLE, com quem tanto se occupa o mestre no correr da sua gigantesca construcção, notadamente nos capítulos 5 e 7.

O assumpto do capítulo immediato (3.º) é dos que com grande frequencia tractam os publicistas. Em minha mocidade, era a obra de PELLETAN (*Le Monde marche*) a citada como sendo o evangelho sobre saber si realmente houve um progresso na humanidade, si se deu a evolução nos insti-

tutos sociaes, si o homem de hoje é mais feliz que o de outros tempos idos. Estudado, por este ultimo aspecto, o problema é inteiramente insolúvel, uma das questões byzantinas com que se tem perdido muito tempo. Foi assumpto com que me occupei em meu recente livrinho *Moloch Moderno* (pags. 8, 10 e 18). Por muitas faces pode ser encarado o problema do progresso, e uma dellas é a que se nos depara na obra de NITTI, quando affirma ter encontrado mais probidade em camponios pauperrimos da Calabria do que em ricos banqueiros. A par de tal asserto, ha o de que não é civilização, não é invejavel terem os norteamericanos mais telephones, machinas de escrever, e gastar muito em assucar e café, quando se mostram inferiores a outros povos considerados por outras faces. Exerce comtudo, pela sua apparente opulencia, uma tal fascinação sobre os espiritos menos cultos a America do Norte, que é geral a sua imitação em qualidades e defeitos.

O final do capitulo é intimamente ligado ao final do livro, aos ultimos capitulos (XX e XXI), em que investiga o autor qual o melhor governo (*de optimo statu*). Accusa os governos de só cogitarem de seu proprio interesse, e nunca do dos governados (pag. 119). E' por isto que não querem, diz o autor, que haja partidos nem lucta, mas exigem que só haja um bloco em todo o Estado, o favoravel a tudo quanto quer o tyranno. Para NITTI, a lucta que existe hoje, que deve continuar para bem do povo, que deve ser mantida pelos partidos, durará emquanto o homem fôr homem, e a lucta (não de classes, mas de partidos) será mantida sempre, devendo ser consideradas as utopias, hoje em descredito, como merecedoras do desprezo dos pensadores, dos intellectuaes, dos publicistas. Termina pois o capitulo como fecha a obra (caps. XX e XXI), affirmando que "vigilancia eterna é o preço da liberdade", phrase de PATRICK HENRY que tomei para epigrapha de meu opusculo sobre o regimen democratico.

Não passarei a falar do capitulo immediato, sem observar que ainda ha neste capitulo 3.º o combate a um erro

muito generalizado, qual o da missão dos povos, preconceito que gerou o imperialismo em todas as suas modalidades: o pangermanismo, o panslavismo, o panamericanismo, allucinações empolhadas pelo nacionalismo rude, estúpido mesmo.

O capitulo IV é um dos mais interessantes do ponto de vista historico. Expõe a formação da idéa de ser possível a republica mesmo em grandes Estados. Mostra, facto já muito conhecido, mas que o autor dilucida com grande felicidade, ter sido o erro tão generalizado que o proprio MONTESQUIEU nelle incidiu. Foi após a revolução de 1789 que essa nebulosa de constituição republicana se tornou systematizada, e então mesmo os menos cultos em assumptos de Direito Publico puderam comprehender uma republica em vastos territorios. Hymnos com razão entôa o autor á declaração de direitos formulada na Virginia a 1.º de Junho de 1776, a qual exerceu salutar influencia na Europa. Foi ella o germen das idéas liberaes que dominaram o velho continente durante o seculo XIX, e que continuam (digam o que disserem os senhores partidarios da escravidão dictatorial) a ser o anhelos de todos os homens que detestam a escravidão, que querem ser livres.

Mas ha, no capitulo, um ponto para o qual deve voltar-se toda a attenção do leitor, e é o relativo ao caracter dos monstros que se assenhoream do poder. O prototypo é, para NITTI, no topico de que me occupo, Cromwel, o dictador que, apparentando ser inimigo da tyramnia, era um despota da peor especie, ansioso para se nobilitar, e para casar suas filhas com principes. E' figura analogo á de Pombal, que, com tanta felicidade, foi retratado pelo grande RAMALHO ORTIGÃO: o plebeu que se pretende nobilitar, o individuo sordido que tira os tamancos e calça o cothurno. Verdade incontestavel é a firmada por NITTI em sua propaganda democratica: de quanto mais baixo vem o tyranno, tanto peor é, a baixeza de seus sentimentos o leva ás maiores vilanias, a todas as crueldades.

No decurso da obra, é Mussolini que representa o papel de despota: aventureiro sem escrupulo, traidor, estúpido, mas ousado, renegando o que na opposição fez, para sustentar o contrario no governo. Eis o typo do dictador que NITTI pinta, e personifica em Mussolini. Os dois grandes e opulentos volumes passarão á posteridade, e nelles ficará o ministro do actual rei da Italia figurando em papel analogo ao que tem certo ecclesiastico em obra prima de um pintor italiano: é o carrasco vestido de palhaço, um typo tragicomico, diz o autor. Mas, quasi inutil fôra dizer, o typo do despota é o mesmo, quer em Mussolini, quer em Francia, quer em Metternich: um individuo, sempre mediocre, ou menos que mediocre, e que, pela audacia e pela falta de escrupulos, se apoderou do governo, donde é muito difficil desalojar-o, tendo elle o ouro e o ferro por si, conforme expliquei no *Regimen Democratico* (pag. 126). Só os vis bajuladores *admiram a pericia* com que os despotas se eternizam no poder.

O capitulo V é um estudo da posição dos governos contra o povo. Mostra o autor que foi a fraqueza de Luix XVI, apoiando os norteamericanos, o fautor da entrada das ideas liberaes da America do Norte na Europa. Querendo hostilizar a Inglaterra, rompeu a solidariedade que têm e devem ter, para seu proveito, os governantes contra os governados, e dahi a penetração na Europa do pensar norteamericano, e o cataclysmo de 1789, na França. Ninguem deve esquecer-se de que a revolução não passa de, como disse um mestre, uma idea que encontrou para o seu apoio a força. Quem julga que a revolução está no derramamento de sangue, nas execuções patibulares, ou nas luctas em campo aberto, cæe no mesmo erro de quem dá mais importancia ao trovão do que ao raio. E' a liga do clericalismo com a reacção governamental, diz o autor, que constitue a força dos governantes contra o povo inerme. NITTI tem toda a razão a meu ver. Em meu modestissimo livrinho *Do Regimen Democratico* affirmei, ás pags. 89 e 90, que a Santa Alliança continúa a existir, sendo de notar que nesta ultima, enganado pelos

meus gregotins (ou por noticias falsas que lêra em jornaes do dia) compoz o typographo Guatemala em vez de Nicaragua.

Asseverei que continuava a solidariedade de entre os governos contra os governados, e persisto, nesta opinião. Durante a revolução de 1932, tive ainda provas da verdade de meu asserto, quando vi censurados, com a publicação vetada, artigos em que eu denunciava a liga existente entre governos americanos pelo denominado *Codigo Bustamante*. Tenho um desses artigos com o veto da censura ainda hoje em minha gaveta: para onde voltar-se o povo? E' nesse capitulo que denuncia NITTI a vilania dos principes indus, vendendo-se torpemente á Inglaterra, é nelle que mostra significarem as dictaduras *post bellum* ignorancia, miseria, pusillaniedade, união das oligarchias contra o povo. E' nelle que se critica CARLYLE, o sanchismo (pag. 179), o materialismo dos ricos ociosos, que só querem dinheiro, homens sem ideaes, dominados só pelo ventre, incapazes de considerar o futuro, seduzidos só pelos gozos do presente.

Seja consignada uma verdade proclamada pelo mestre: não ha na realidade dictaduras com um só individuo, mandando; o que ha é sempre uma oligarchia com um chefe. O *despota unico* é practicamente impossivel.

Ainda uma observação, e passarei ao capitulo VI. E' dicto ainda no capitulo V, que as dictaduras romanas foram sempre *commissarias*, como hoje dizemos: o dictador era elevado ao cargo só para realizar um ideal do povo, e isto mesmo por muito pouco tempo, o indispensavel para o cumprimento do mandato. Foi isto mesmo que sustentei da tribuna perante os juizes paulistas e pela imprensa (*Revista da Faculdade*, V. 30, pags. 9 e segs.): o dr. Getulio Vargas fôra incumbido *somente* de dar ao paiz uma nova Constituição, não devendo pois o Poder Judiciario executar delle leis que não tivessem intima relação com esse escopo, isto é, tudo quanto fosse estrictamente indispensavel para a feitura dessa Constituição.

Repito: dos muitos e excellentes trechos da obra é este um dos que dão maior margem á meditação.

No capitulo immediato (VI), occupa-se o autor com o que poderemos, á imitação de JULIEN BENDA, denominar a *traição dos intellectuaes*. E' uma critica impiedosa aos adula- dores, aos que dão apoio com sua autoridade aos desman- dos dos poderosos. Si JULIEN BENDA se occupou com a trai- ção dos intellectuaes pelo aspecto da questão social, NITTI com ella se entrem do ponto de vista politico: é outra face do prisma. Confesso que me pareceu exaggerado o autor, ou, melhor, severo demais: não se pode porém negar seja verdade o que affirma, embora tenha carregado excessiva- mente as tintas do lugubre quadro. Malsina os escriptores de adulação, faz sentir quão pouco proveitosa tem sido para elles essa bajulação sordida aos poderosos (pag. 200), pa- tenteia que incidiram no vil peccado as universidades e até os alumnos. Formularei um protesto: si alguns alumnos havia, na Faculdade em que leccionei, que odiavam minhas doutrinas, classificando-as como anarchistas, venenosas e perigosissimas para o Estado, filhas de nunca ter o governo aproveitado meus poucos meritos, é certo que muitos outros as apoiavam, e não me consideravam um vencido na vida, mas sim um crente na possibilidade de ser melhorada a sorte dos homens... governados.

Reatando o fio das ideas, direi que Sallustio, o infa- missimo Sallustio, tão propenso a pregar moral, deixou descendentes em elevadissimo numero no pensar de NITTI (pag. 201). Estou de accordo com o mestre. Permitta-me o sabio publicista porém uma observação para justificar minha opinião de que é duro demais com os nossos irmãos, os intellectuaes. Contam os que tiveram a suprema felici- dade de ver as obras primas dos pintores nas Igrejas da Italia (e quanto sinto não ser eu deste numero!) que os an- jos e as virgens pintadas pelos pinceis inspirados dos artis- tas apparecem á altura das vistas fiscalizadoras dos sacer- dotes, com a nudez disfarçada pelas vestes. Mas, quando o pintor vae subindo na ornamentação do templo, quando

já não teme, longe das vistas dos padres, a censura rigorosa da pudicicia real ou fingida, vinga-se das peas que lhe tinham sido postas, e dá livre curso ao seu culto pela belleza da carne nua. E' isto mesmo que acontece na vida, em todas as manifestações da sciencia ou da arte. E' o proprio NITTI que confessa, no Cap. 12, que será impossivel, na Italia, uma critica a um dictador da estofa de Mussolini, e eu ajuntarei ou outro *ejusdem furfuris*. ALMEIDA GARRET foi mais razoavel no julgamento dos intellectuaes. Affirmou, em sua obra *Educação*, que, nos tempos da intolerancia, é que apparecem as fabulas, os apologos; sustenta que, em nossa idade, com a liberdade de que gozamos, não devem os meninos aprender esses disfarces; e cita, como sendo de excepcional heroismo, o celebre *sinão* dos corajosos fidalgos portuguezes. Em meu livrinho *Moloch Moderno* dou um exemplo de quanta ansia têm os proprios empresarios theatraes ou os seus artistas pela liberdade, pelas boas doutrinas... (pag. 33). FENELON, LAFONTAINE, RACINE (apontado como sendo um fraco e um lisongeiro), CORNEILLE e tantos outros fizeram o que puderam contra os despotas. E os caricaturistas francezes? Com que pico caracterizam as chagas da actualidade? Parece que trabalham tendo sempre presente o conceito de HORACIO: "Ridentem dicere verum quid vetat?"

De uma franqueza rude, é NITTI duro para com certos individuos que o público tem endeusado: SCHAW é um clow; GOBINEAU, um enojado charlatão, MARX um romancista; CARLYLE, um parleiro, um tagarella, sempre a charlar; BOSSUET, uma alma de escravo... A Academia Franceza é uma corporação de mediocres.

Nos Estados democraticos, ha sempre riqueza pública. Mas os individuos ricos são os inimigos da democracia. E' por isto que a aristocracia dinheirosa da Grecia fez guerra ao salchicheiro Cleon, muito superior em capacidade militar aos nobres generaes. Só chegam ás altas posições ou aguias ou reptis, diz elle, e, em certo topico de sua obra, mostra que um homem de character não é capaz de formular as promes

sas que um aventureiro sem escrúpulos apresenta como isca para se alcandorar no posto supremo.

O final é terrível contra as forças armadas: são os exercitos regulares devoradores do orçamento para a defesa da *ordem*, que não passa de uma fórmula euphemica para designar os *interesses da oligarchia*. Realmente essas forças consomem grande parte do orçamento, e estão quasi sempre á disposição do despota. Posso comtudo apontar excepções. A proclamação da republica no Brasil foi devida á acção do exercito, pela propaganda de Benjamin Constant e pela espada de Deodoro. Ao tempo da revolta da Marinha, em 1893, estando Floriano Peixoto convencido de que não teria o apoio dos soldados profissionaes, mandou que certos officiaes de sua confiança recrutassem civis ou paisanos, e foram estes que deram a victoria ao presidente, amparado tambem pelo estrangeiro, pelos Estados Unidos da America do Norte e até pelo governo portuguez; que fez por elle o exercito regular?

Já muito me extendi sobre o capitulo 6, e passo pois ao immediato. E' dos mais impressionantes dentre todos, que são, sem excepção, optimos. Occupa-se com o superhomem, mostrando que é uma criação do cerebro enfermizo de NIETZSCHE, o *pobre homem*, como diz CARLE. Nas revoluções, são os peores que sobem á tona, que tomam as redeas do governo, proclama NITTI, e tem sido dicto e repetido. E' o errado modo por que se ensina a Historia nas escolas que crea a opinião da existencia de superhomens. Os generaes ineptissimos ficam a dizer, do mesmo modo que na comedia de OFFENBACH, só elles entenderam de guerra. Na salvação do povo é que na parte contrária o mesmo se dá, com rariissimas excepções. Menciona NITTI Frederico 2.º e Napoleão 1.º, como sendo realmente genios guerreiros, mas pessimos para tudo o mais, incapazes de qualquer acto de importancia, a não ser no campo da lucta cruenta. O que é o grande homem, esse Messias por que tanto anhelam não raro os ignorantes, e quem tem alma de escravo, dil-o o illustre publicista em repetição do que doutrinou MACHIAVEL-

(pags. 227 a 229). Não me julgo com forças para resumir as prédicas do autor. Mas, como julgar Primo de Rivera, Mussolini, Pilsudski e outros despotas menores? Para NITTI, são aventureiros pigmeus que se aproveitaram da ocasião, homens sem escrúpulos, traidores aos seus comparsas, que se mantêm apoiados por uma camarilha, e perseguindo os adversarios. Se me é dado accrescentar alguma coisa de minha lavra, additarei que, quando lia eu estas paginas da obra, davam os jornaes noticia de um discurso de Salazar no qual o dictador portuguez sustentava que se mantinha no poder (quanta franqueza!), porque impiedosamente reprimia qualquer explosão popular contra sua tyrannia (que reduziu á miseria o nobre povo portuguez) e afastava difficuldades que lhe podiam ser creadas pelos representantes do povo em assembléa. E, na pag. 234 que se occupa mais desenvolidamente elle com o caracter da dictadura em Roma, assumpto a que me referi acima, e muito recommendo ao leitor o que se acha na valiosissima nota 20 da pag. 263.

Altamente proveitoso ainda encontro, neste capitulo 7.º, o estudo da covardia moral de homens que foram bravos no campo de batalha (um dos mais difficeis problemas psychologicos), a baixeza de sentimentos dos aventureiros tyrannos, a ruina economica do paiz mostrando-se fatalmente em consequencia de todo despotismo, de toda dictadura, a defesa do tyrannicidio (pag. 255 e 256) e finalmente a observação agudissima de que todos os despotas têm grande inclinação para a construcção de grandes monumentos, feitura de obras inuteis, ao intento de impressionarem o povo pela grandeza architectural, ou por uma verdadeira loucura de edificar sem interesse para o pobre subdito que moureja na rude faina de misero escravo.

Sob a impressão dolorosa da leitura das paginas deste capitulo 7.º, passo ao 8.º, de que farei um simples escorço. Contem um exame do que foram e são as monarchias actualmente, passando do fundamento religioso ao profano, e sendo hoje os reis ou monstruosos ou ridiculos. Houve porém a evolução da humanidade para a democracia, e...

ponto capital do assumpto, são as dictaduras hodiernas me-
ras reacções contra o desaparecimento das monarchias anti-
quadas, e incapazes de ser mantidas com a cultura que tem
neste seculo a humanidade. Mas as dictaduras, caricatu-
rando as antigas monarchias, são muito peores do que ellas:
rebaixam o character do povo, são dissipadoras e empobre-
cedoras do Estado (pag. 280), e têm um fausto que é pe-
culiar aos *parvenus*, conhecidos pelo seu luxo desbragado,
dando com isto uma apparencia de riqueza ao povo que
geme na última miseria. Em summa: da monarchia cahida
em descredito que fez seu tempo, que é hoje insupportavel,
passou a humanidade ao regimen democratico, e neste surge
a reacção em prol dos antigos reis e imperadores, com a
volta ao passado por um arremedo, por meio das dictaduras.

Deixo com ésta rápida noticia o Capitulo 8.º, para oc-
cupar-me com o 9.º, uma das peças mais bellas do assom-
broso espirito do grande escriptor. E' neste topico que faz
o autor o exame do que tem sido a aristocracia, quer de san-
gue, quer de dinheiro, extremando a aristocracia do escol.
Mostra que teve sua razão de ser, mas que hoje é uma anti-
gualha. Mordacissimo se mostra no final da pag. 305, re-
cordando o sentir de Sancho na obra immorredoura de
CERVANTES. Mas, deixando o tom sarcastico, passa, á pag.
307, a mostrar a decadência das aristocracias, a degeneração
dos descendentes de nobres, e finalmente que se ligam ellas
até com o estrangeiro contra os seus compatriotas! Por não
conhecer a fundo NITTI a vida sulamericana, não sabe quanto
é commum ligarem-se os dictadores desta parte do mundo
a grandes potencias contra seus compatriotas!... E' a Santa
Alliança infamissima, não de nobres, mas de plebeus enno-
brecidos pelo poder, outros tantos traidores á patria e aos
seus concidadãos. Distingue as *elites* das aristocracias (pag.
309), examina a questão ardua dos escóes, que tanto traba-
lho tem dado aos mestres em Biologia e Sociologia, e, no
fim, sustenta que as qualidades adquiridas pelo exercicio
não se transmittem por herança, ponto sobre que o proprio
SPENCER nutre dúvidas (Biologia § 82). O que diz sobre as

castas na India merece leitura e meditação, e não tenho eu competencia para ajuizar da veracidade de suas observações e inferencias.

E' portanto este capitulo relativo á psychologia dos que dirigem a massa popular, o *profanus vulgus* tão desprezado pelo cortezão HORACIO.

Constitue o capitulo 10.º um preparo, um estudo propeudeutico para defesa da these que é a alma de seu livro: o mundo está em lucta, lucta de partidos, e lucta de povos, sendo a guerra, em todas as suas fórmãs, uma fatalidade, um mal inevitavel. Examina o que é o nacionalismo, e mostra ser o que fórmula, por evolução, o imperialismo. Bellissima é a nota 1.ª ao capitulo 10.º á pag. 369: em poucas linhas lança theses dignas de serem maduramente debatidas e estudadas! Faz ver a que aberrações pode conduzir o nacionalismo, com a rememoração do caso Dreyfus. Quanta crueldade para com um homem que se sabia innocente! Não perde a occasião para dar mostra de seu desprezo em relação a GOBINEAU, um idiota, no entender do mestre (e de muitos outros, ou antes de quasi todos os homens cultos), que veio sustentar a these absurda da superioridade de certas raças, cohonestando as tendencias maleficas ao imperialismo da parte de alguns povos dotados de sentimentos de aves de rapina. Peço toda a attenção do leitor para as paginas 367 e 368 intimamente ligadas á pag. 36 na parte final. Para os brasileiros, membros de um paiz fraco, é este capitulo quiçá o mais importante da obra do grande publicista.

Destinou o autor o capitulo 11.º de sua obra ao estudo do socialismo, tomando-se o vocabulo em seu mais amplo sentido. Aristocratica com SAINT-SIMON modifica-se depois a doutrina, e toma tendencias democraticas, sendo porém, em todos os seus aspectos a revolta do trabalho contra o capital, do pobre contra o rico.

No corpo do capitulo, verdadeiro ensaio ou mesmo pequena monographia sobre a influencia das ideias socialistas no governo durante o seculo XIX, e no começo do seculo XX, estuda, como é natural, a acção exercida pela escola

sobre o movimento das ideias democraticas. Minucioso se mostra no exame do bolchevismo, que é pelo autor muito mais conhecido do que por muitos que se declaram delle partidarios, ou a elle *sympathicos* (como dizem os do credo), e patenteia sua acção profunda ainda nos Estados em que era anathematizado. Affirmando que o marxismo está em decadencia senil, por outro lado sustenta que o socialismo modificou profundamente o modo de ver dos democratras no decurso dos ultimos tempos. Eu, em abono do que diz o autor, citaria a obra de DUPONT WHITE.

Como já vae muito longo este artigo, excedendo mesmo os limites que a tal genero de trabalho deve dar nossa *Revista*, tratarei de resumir o muito que me caberia ainda dizer sobre o 2.º volume da preciosa obra.

O capitulo 12.º, o primeiro do 2.º volume, é sem duvida, quanto ao fim que se propoz o autor, o mais importante, quiçá até mesmo mais interessante do que os tres primeiros, em que são lançadas as ideias fundamentaes do livro. E' no começo do 2.º volume que o autor responde ás objecções que têm sido formuladas contra a democracia.

Documentando fartamente suas theses, prova que a democracia nada tem de intolerante; a imposição de suas opiniões está nas dictaduras.

Fala-se em instabilidade dos gabinetes francezes durante o regimen que se seguiu á guerra franco-prussiana, depois que se implantou a republica na bella terra da liberdade. Mas o paiz nunca teve um governo tão duradouro, uma constituição tão fielmente mantida como depois que se constituiu em republica, liberta das últimas arbitrariedades de Napoleão III, cuja inepecia e crueldade tive oportunidade de verberar (*Do Regimen Democratico*, pags. 67 a 85). Instaveis são, diz NITTI, as dictaduras. Não se apontem o vicennio de Napoleão III, os governos de Rosas e Francia: 20 annos nada são na vida de um povo. São todavia os mais longos periodos de regimen dictatorial de que ha noticia. Nas antigas monarchias esta diuturnidade era mais provavel, porque era então unica essa fórma de governo, não po-

dendo o povo querer a republica que, como disse eu acima, repetindo a licção do mestre, era a unica que parecia possivel em um grande paiz. Quanto á competencia, quanto a dizer-se que a democracia é o regimen dos incapazes, é esta seguramente a última das sandices. NITTI faz sentir que os competentes, não querendo estar a formular promessas que sabem não poder cumprir, não querendo perder seu precioso tempo a lisongear as paixões da multidão, não alcançam as auras populares, como tambem pouco têm a esperar do governo, uma vez que seus estudos, sua cultura lhes aperfeiçoa o character, e os torna incapazes de adular. Mas (e é ponto para o qual peço toda a attenção do leitor) influem decisivamente na republica, no governo do Estado por seus conselhos. E' verdade corriqueira, mas a que poucos prestam attenção. Não ha menino de escola a quem se deixe de ensinar que a revolução de 1789 foi obra dos trabalhos de ROUSSEAU, MONTESQUIEU e VOLTAIRE: eu ajuntaria MARAT, BEAUMARCHAIS e outros... Nas escolas superiores, nas aulas de Economia Politica, sempre se assevera ter feito mais ADAM SMITH, do canto do seu fogão, pela riqueza da Inglaterra do que todos os ministros de finanças dos reis inglezes. Não têm faltado leitores ao livro de DICEY, mas continuam os inimigos da democracia a affirmar que é ella o governo dos ineptos.

Ruy Barbosa, a quem, no Brasil, foi arrancada, em 1890, a pasta da Fazenda, não pôde consequentemente pôr por obra seu notavel plano financeiro. E, pela culpa que não teve, é calumniado o genial brasileiro. Luiz XIV tambem insultou soezmente a RACINE, em consequencia de um conselho dado ao rei por esse principe dos poetas francezes. E' a inepecia que insulta aos genios em França e no Brasil.

Mas torno ao capitulo 12.º do grandioso monumento do sabio mestre. Si, diz elle, a democracia é a modestia no governo, é, ao contrario, a dictadura a dissipação dos dinheiros publicos, a bajulação, a centralização, um dos mais terribes males com que os despotas brindam os povos, para terem maior territorio sobre que exerçam sua malefica ac-

ção, a burocracia, arma para a collocação de afilhados incapazes de vencer na lucta pela vida... Diz-se geralmente que os governantes representam a figura média dos cidadãos. Não o diz *in terminis* o sabio escriptor, mas deixa perceber que os dictadores representam as figuras mais baixas do povo. São os enganadores do povo, os que promettem, sabendo não poder cumprir, os sem escrupulos, os cynicos, porque são estes os unicos, exceptuados os homens de genio, que podem subir na politica: ás grandes alturas só ascendem as aguias ou os reptis.

Desse capitulo fundamental passa o autor ao estudo, no immediato, do movimento social no sentido não da passagem dos homens do povo de sua classe a uma inferior, mas da ascensão das inferiores ás superiores.

Notavel é, por muitos titulos, e ainda por contar verdadeiras monographias sobre a vida moderna. Estuda a influencia do cinematographo na modificação das ideas das classes inferiores, o desenvolvimento da imprensa, quer pelos periodicos, quer pelos livros, o augmento da facilidade das viagens, o feminismo triumphante, os desportos e os automoveis...

Pois que falo de ensaios do autor, seja-me permittido dar uma noticia de algumas paginas que podem ser destacadas do livro pelas pessoas que dizem não ter tempo para a leitura de longas obras (os martyres do trabalho, da occupação, que são numerosos), mas só de pequenos trechos. Sobre ser impossivel ao povo *governar*, só lhe sendo dado como pinturescamente disse CLEMENCEAU, *reinar*, ha a pag. 398. Sobre os inimigos principaes da democracia (antigo socialismo, communismo e syndicalismo), á pagina 407. Sobre a opulencia da democratica Hollanda e a miseria da dictatorial Russia, quando a primeira tem uma terra miserabilissima, e a segunda goza de um solo que é comparavel ao que dizem as letras santas da Terra da Promissão, a mais fertil do Universo, veja-se a pagina 467. Sobre o escrutinio de lista, que tanto mal tem feito no mundo, e está a fazer em nossa patria, com muito mais defeitos do que os

que lhe são peculiares em outros Estados, o caruncho que corroe o regimen representativo, vejam a pagina 469. Sobre a necessidade de abolição da diplomacia, pag. 383. Sobre a imprensa actual, pag. 484.

Duas palavras sobre o capitulo referente á guerra, e aos finaes allusivos ao melhor governo (*de optimo statu*), assumpto que o mestre relegou para essa parte do seu estudo, afim de fechar com chave de ouro sua producção realmente genial.

Ao iniciar a leitura do capitulo sobre a guerra, tive a impressão de que o autor era um simplista, compartindo a idea de ANATOLE FRANCE (*Rôtisserie*) de que o unico factor della é o desejo de roubar ao inimigo. Mas não! E' NITTI contra a simplificação no exame dos coefficients da guerra (pag. 193). Cito sempre nesta investigação os trabalhos de HARRY ELMER BARNES (*Rev. da Fac. V. XXX, pag. 439*). Entendo porém que o grande publicista italiano nada fica a dever ao norteamericano.

Num ponto se acha o autor em opposição aos pacifistas. Emquanto estes, em geral, dão mostras de acreditar em um futuro com a paz geral e perpetua, o illustre escriptor claramente se mostra partidario da lucta eterna, como sendo uma fatalidade a que se acha condemnado o genero humano. A lucta que elle não deseja, a guerra cujos horrores descreve em paginas lugubres, eis a sorte que reserva o futuro á humanidade. Lucta nos campos sangrentos, lucta de partidos, lucta economica, lucta por toda sorte de competição... O espirito combatente do autor revela comtudo certa compaixão para com o genero humano fadado a essa lucta interminavel.

São bellissimos os dois ultimos capitulos. O penultimo, em que examina os esforços actuaes para conseguirem os povos um governo soffrivel, é realmente doloroso. Estuda o grande espirito de NITTI notadamente o syndicalismo, o socialismo e o communismo (pags. 438 e passim). Mostra que a democracia, embora não seja um remedio que cure todos os males que affligem os governados, é, ao menos, um palliativo.

Emfim ha o último capítulo em que o genial escriptor examina, com rara agudeza, as forças sociaes que actuam na direcção das sociedades, e termina com uma interrogação seu livro monumental. Na pag. 499 mostra que, quanto ao futuro dos povos, do ponto de vista governamental, tudo são dúvidas. Certo só ha que a lucta perdurará, e assim ainda, na antepenultima pagina de sua colossal obra (pag. 501), appella para a phrase com que epigraphei meu modestissimo livro "*Do Regimen Democrtico*": "The price of liberty is eternal vigilance". Na lucta, sem treguas, a que está condemnada a humanidade, pode o autor prever que a democracia se expandirá, embora impossivel seja determinar com que modalidades, sendo de suppôr que conforme o genio de cada povo. São estas suas palavras finaes á pag. 503 do 2.º volume.

Eis, leitor, si tiveres a dita de ler cuidadosamente o livro, a conclusão que julgo será tambem a tua, e creio que será a de todos os que modestamente querem significar quanto tem de obscuro o futuro da humanidade: "Ignorabimus"...